
Estava a URSS preparada para a guerra?

Serguei Chtemenko¹

1968

Hoje, quando décadas nos separam daquela noite fatídica, fazem-se numerosas e as mais variadas apreciações acerca do estado em que se encontravam então as nossas Forças Armadas.

Uns afirmam que não estávamos minimamente preparados para rechaçar o ataque do inimigo, que o nosso exército fora instruído a contar com uma vitória fácil. E apesar de tal género de afirmações provir, em regra, de pessoas sem formação militar, em seu turno ergue-se uma impenetrável barreira de sábia terminologia especializada. Afirma-se, por exemplo, que devido a uma compreensão, alegadamente errada, do carácter e conteúdo do período inicial da guerra, as nossas tropas foram mal treinadas para operações militares justamente nesse período.

Esta afirmação tem tanto de ousadia como de ignorância. Isto porque a noção de «*período inicial da guerra*» é uma categoria operacional e estratégica que nunca teve qualquer influência substancial na instrução dos soldados, das companhias, dos regimentos ou mesmo das divisões. Os soldados, as companhias, os regimentos e as divisões, em geral, operam da mesma forma em qualquer período da guerra. Devem atacar com determinação, defender-se com firmeza e manobrar habilmente em todos os casos, independentemente do momento em que decorre o combate:

¹ Serguei Matvéievitch Chtemenko (1907-1976), membro do PCUS desde 1930, ano em que conclui a Escola Militar de Artilharia de Sebastopol. Exerce funções no Estado-Maior General desde 1940, tornando-se chefe da Direcção de Operações em 1943. Em Novembro desse ano acompanha Stáline à conferência de Teerão. No Verão de 1944 coordena as acções das diferentes frentes. Após a guerra torna-se chefe do Estado-Maior General, primeiro vice-ministro da Defesa da URSS (1950-1952) e candidato do CC (1952-1957). Em 1968 é nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Unificadas dos Estados Signatários do Pacto de Varsóvia.

O texto que publicamos é um extracto do livro *O Estado-Maior General nos Anos da Guerra*, em dois volumes, que teve duas edições (1968 e 1975), no qual Chtemenko reúne as suas memórias sobre aquele período. A presente tradução segue a segunda edição, revista e corrigida pelo autor, republicada pela editora Voenizdat em 1981 e 1989. Foi ainda consultada a primeira edição, na sua tradução francesa, publicada pelas Editions du Progrès, Moscovo, 1971. (N. Ed.)

seja no início ou no fim da guerra. Nunca houve nos regulamentos qualquer demarcação a este respeito. Tal como hoje não há.

São bastante frequentes as opiniões de que supostamente se subestimou o perigo de uma guerra com a Alemanha. Em defesa desta ideia errada são feitas alegações completamente ridículas sobre a deslocação mal sucedida de tropas para as regiões militares às quais incumbia cobrir e defender as fronteiras ocidentais. Mal sucedida porquê? Porque, vejam bem, as enormes forças que integraram o efectivo das regiões fronteiriças não foram colocadas na fronteira, mas longe dela. Entretanto, está há muito demonstrado, na prática e na teoria, que em qualquer tipo de operações militares as forças principais devem escalonar-se obrigatoriamente em profundidade. Onde devem estar mais forças e em que profundidade devem ser escalonadas? Essa é uma questão muito complexa. Tudo depende das circunstâncias e do plano do comandante militar.

A falta de conhecimentos elementares dos assuntos militares explica também, aparentemente, que certos camaradas declarem ser errónea uma conhecida disposição dos regulamentos do Exército Soviético de antes da guerra, que atribui à defesa um papel subordinado em relação à ofensiva. Cabe lembrar que tal disposição continua hoje a ser válida.

Resumindo, na nossa opinião, as pessoas que discorrem sobre a guerra, numa série de casos, seguiram um caminho errado, não se dando ao trabalho de estudar devidamente o fundo da questão que se propõem criticar. No final, o seu louvável desejo de esclarecer as razões dos insucessos que sofremos em 1941 teve o resultado oposto de gerar uma confusão nociva. Misturam-se situações e conceitos totalmente distintos: por exemplo, a preparação da aviação para missões de combate, da artilharia para abrir fogo, da infantaria para rechazar o ataque do inimigo, com a preparação do país e do exército, em geral, para conduzir a guerra contra um inimigo forte.

A este propósito queria exprimir o meu ponto de vista, sem pretender, obviamente, ser exaustivo ou original nas minhas apreciações, e orientando-me apenas por factos históricos conhecidos universalmente, pelo bom senso e pela minha experiência de trabalho no Estado-Maior General.

Tinha o nosso país potencial suficiente para defrontar um inimigo poderoso numa guerra? Sim, tinha. Quem, à excepção de mal-intencionados, pode negar que a União Soviética, no início dos anos 40, se tornara, de um país economicamente atrasado, numa verdadeira grande potência socialista?

Em resultado da realização dos planos quinquenais de desenvolvimento da economia nacional, o nosso país dispunha de todas as condições materiais e técnicas necessárias para derrotar qualquer inimigo, e a guerra confirmou-o. Construimos uma metalurgia própria, poderosa para a época, quase alcançando a Alemanha no que toca à produção de aço e de ferro. Em 1940, mais de 18 milhões de toneladas de aço eram produzidas na URSS, contra pouco mais de 19 milhões na Alemanha; cerca de 15 milhões de toneladas de ferro, contra apenas 14 milhões na Alemanha. O Terceiro Reich superava-nos um pouco na produção de energia eléctrica (produziam cerca de 63 mil milhões de kilowatt-hora e nós 48 mil milhões), em contrapartida estavam muito longe em comparação connosco na extracção de petróleo. A nossa indústria de refinação de petróleo, sem a qual os tanques e aviões soviéticos estariam mortos, tinha crescido. Havia sido criadas as indústrias nacionais de

construção de máquinas, aeronáutica, construção de tractores, de instrumentos de precisão. A agricultura tinha passado por uma reorganização radical na base da colectivização total. Eram extraordinariamente grandiosas as conquistas culturais do regime soviético, o que nos permitiu formar quadros que deslumbraram o mundo inteiro, desde cientistas, construtores, engenheiros, técnicos, operários e, naturalmente, militares – do soldado ao marechal.

Nos anos que antecederam a guerra desenvolveu-se de forma impetuosa um exército regular de vários milhões de efectivos. Só um tal exército poderia estar à altura de enfrentar o inimigo. Em meados de 1941 o exército dispunha de mais de cinco milhões de efectivos. Em simultâneo procedeu-se ao seu rearmamento. O mesmo ocorreu na marinha de guerra e na aviação. Todas as Forças Armadas Soviéticas foram reorganizadas de acordo com as exigências da guerra moderna, tanto no plano orgânico como técnico.

As nossas unidades de tanques, em particular, estavam cada vez mais fortes. Para o confirmar basta o facto de, em 1940, terem sido criados nove corpos mecanizados. Em Fevereiro-Março de 1941 iniciou-se a formação de novos corpos mecanizados (cada um com duas divisões de tanques e uma divisão motorizada). Aumentava o ritmo de produção de tanques. Em 1941, a indústria podia fornecer 5500 unidades. No entanto, no início da guerra, o nosso atraso em relação ao inimigo ainda era significativo em número de tanques modernos. Não houve tempo para concluir o rearmamento das tropas com a nova técnica e equipar com os potentes *KV* e *T-34* os corpos mecanizados já formados e em formação, mesmo nas regiões fronteiriças mais decisivas – as regiões especiais do Báltico, do Oeste e de Kiev, assim como de Odessa. Estas regiões, que iriam sofrer o golpe principal da Alemanha fascista, dispunham de uma quantidade bastante pequena de tanques modernos. As velhas máquinas não podiam ter uma influência decisiva no curso das operações que se avizinhavam, além de que metade dos seus quadros de efectivos estavam por preencher. O facto de as nossas tropas disporem de poucos *KV* e *T-34* foi uma infelicidade para nós. Mas as possibilidades da URSS de desenvolver unidades blindadas viriam a revelar-se suficientes para, no decurso da Grande Guerra Patriótica, superar o inimigo.²

A partir de 1939, na URSS, foram tomadas medidas extraordinárias, pode dizer-se, para reforçar a base de produção da indústria aeronáutica, de ampliação dos gabinetes de projecto, desenvolvimento de novos aviões de combate de todos os tipos e organização da sua produção em série. A situação da aviação nas vésperas da guerra lembrava, em certa medida, a situação dos tanques: a indústria produzia uma grande quantidade de aviões, mas pelas suas características tácticas e técnicas estavam em parte ultrapassados e em parte não eram do tipo que a guerra exigia. Tinha-se dado demasiada preferência aos bombardeiros lentos, com um raio de acção insuficiente e que, na prática, estavam indefesos contra os caças.

Dispondo do essencial – uma boa indústria aeronáutica para a época – o Estado soviético foi obrigado num curto prazo a renovar o seu parque de aviões. A nossa

² Na primeira edição desta obra consta o seguinte parágrafo, posteriormente suprimido: «*Vejam agora como estavam as coisas na aviação. Em 1938, a URSS tinha construído 5469 aviões, em 1939 – 10 383, em 1940 – 10 565. Nesses anos, a Alemanha tinha produzido, respectivamente, 5235, 8295 e 10 826 aviões de todos os tipos.*» (N. Ed.)

infelicidade, mais uma vez, esteve em não ter havido tempo para o fazer, apesar do ritmo imprimido ser excepcionalmente elevado. Em 1940 apenas tinham sido produzidos 64 caças *Iak-1* e 20 caças *Mig-3*; só dispúnhamos de dois bombardeiros de voo picado *Pe-2*. No primeiro semestre de 1941 a produção de novos modelos de caças *Iak-1*, *Mig-3* e *Lagg-3* atingiu 1946 unidades, foram produzidos 458 bombardeiros *Pe-2*, 249 aviões de assalto *Il-2*, num total de mais de 2650 aviões.

Em Julho de 1940, o Comité Central do Partido e o Conselho de Comissários do Povo da URSS aprovaram a importante resolução «*Sobre a Reorganização das Forças Aéreas do Exército Vermelho*». O texto definia o plano de rearmamento das unidades de aviação, a criação de novos regimentos de aviação, de zonas de defesa antiaérea, o programa de instrução de pilotagem dos novos aviões. Este documento acelerou inquestionavelmente a preparação da Força Aérea para a guerra.

Muito antes da guerra tinham sido criadas unidades de paraquedistas que nenhum outro exército do mundo dispunha ainda. Os nossos progressos neste domínio foram demonstrados nas manobras de Kiev em 1935, depois na Bielorrússia, para grande admiração dos observadores estrangeiros. Em 1940 o número de tropas paraquedistas aumentou para o dobro.

Um grande passo em frente foi dado pela Marinha de Guerra. Ao longo de dois quinquénios foram construídos 500 navios de diversas classes nos estaleiros navais do país. O aumento da frota foi particularmente rápido na véspera da guerra. No momento em que a Alemanha hitleriana nos atacou dispúnhamos de três couraçados, sete cruzadores, 54 condutores de frota e contratorpedeiros, 212 submarinos, 287 vedetas lança-torpedos e mais de 2500 aviões.

A Frota do Norte, que existia desde 25 de Junho de 1933, foi reorganizada em Frota do Báltico em 11 de Maio de 1937. Em resultado da intensificação da construção naval, no início da Grande Guerra Patriótica a mais jovem das nossas frotas possuía um imponente efectivo militar e continuou a aumentar as suas forças.

Cresceram e foram aperfeiçoadas as nossas frotas mais antigas, em particular a Frota do Báltico, que recebeu novas bases em Talin, Hanko e noutros locais, cada uma das quais veio a ter um papel importante no decurso da luta armada neste teatro marítimo.

As Forças Armadas Soviéticas apoiavam-se na ciência militar avançada. Antes de outros exércitos do mundo, foi elaborada no nosso país a teoria das operações em profundidade, com a utilização de grandes massas de tanques, aviação, artilharia e desembarques aéreos. As origens desta teoria remontam ao início dos anos 30. Avançada era igualmente a nossa doutrina militar, orientada para a defesa da pátria socialista e preconizando a condução da guerra através da união de esforços de todos os ramos e tipos de tropas. O papel de uns e de outros, bem como os princípios da sua utilização militar foram no fundamental correctamente definidos.

É verdade que no decurso da Grande Guerra Patriótica alguns aspectos foram ajustados, e teve-se de renunciar simplesmente a certas disposições, mas a prática é isso mesmo, está sempre a corrigir sempre a teoria. No geral, a nossa doutrina militar e a nossa ciência militar permaneceram inabaláveis e forneceram uma boa base para a formação dos quadros militares, que souberam com a sua arte superar os generais alemães fascistas e os oficiais hitlerianos.

Naturalmente que foi uma grande infelicidade para o nosso exército e para o país, no seu todo, termos ficado privados na véspera da guerra de muitos chefes militares

experimentados. Foi difícil para os jovens. Tiveram de adquirir a experiência necessária já no decurso dos combates e com frequência pagaram um preço demasiado alto por isso. Mas apesar de tudo, no fim de contas, os jovens quadros também aprenderam a bater o inimigo, e a vitória foi nossa.

Finalmente, ainda uma questão que nos é colocada muitas vezes, a nós militares, e à qual, não sei porquê, preferimos evitar responder: a possibilidade em si de uma agressão da Alemanha ao nosso país em 1941 era por nós admitida? Sim, era admitida! E fez-se alguma coisa na prática para rechaçar essa agressão? Sim, fez-se!

O tratado de não-agressão, firmado em 1939 por proposta da Alemanha, não suscitava ilusões. Era claro que se tratava apenas de um adiamento, tarde ou cedo a Alemanha fascista, incentivada pelos círculos imperialistas das potências ocidentais, abater-se-ia sobre o Leste. Por isso o Partido Comunista e o Governo soviético tomaram medidas enérgicas para reforçar a capacidade de defesa do país.

Começamos pelo plano operacional. O nosso plano de operações de concentração e escalonamento das Forças Armadas em caso de guerra, ao qual, no Estado-Maior General, chamávamos em linguagem corrente plano de repulsão da agressão, identificava como o inimigo mais provável e principal precisamente a Alemanha hitleriana. Pressupunha-se também que ao lado da Alemanha interviriam contra a URSS a Finlândia, a Roménia, a Hungria e a Itália. Sob a direcção de B.M. Chapochnikov, trabalhavam directamente no plano N.F. Vatúninie, L.M. Vassiléviski, V.D. Ivanov, A. F. Aníssov, e mais tarde G.K. Malándine.

Em 5 de Outubro de 1940, o plano foi apresentado a I.V. Stáline pelo Comissário do Povo, S.K. Timochenko, e pelo novo chefe do Estado-Maior General, K.A. Meretskov. Pensava-se que a futura guerra, logo desde o primeiro dia, seria caracterizada por intensas e complexas operações de todos os tipos de forças armadas, em terra, no mar e no ar. Esperava-se que o ataque de poderosos grupos de tanques e de infantaria do inimigo seria acompanhado por ataques da aviação contra as tropas soviéticas e alvos na retaguarda com grande importância militar. O plano partia do pressuposto de que as tropas soviéticas estariam totalmente preparadas para repelir o inimigo e seriam capazes de rechaçar os seus golpes com as forças e meios das regiões militares dos territórios próximos da fronteira. Seguidamente previa-se uma ofensiva decisiva da nossa parte com tropas deslocadas das profundezas do país.

Todas as partes constitutivas do plano foram minuciosamente ligadas entre si e com o trabalho da economia nacional, dos transportes e das comunicações. Depois foram elaborados planos de escalonamento das tropas das regiões militares.

Deste modo, no plano operacional, foi definido com justeza o carácter da eventual guerra, resolveu-se correctamente a questão do inimigo provável e o sentido das suas acções.

Segundo o testemunho de K.A. Meretskov, I.V. Stáline exprimiu a opinião de que a Alemanha dirigiria os seus esforços principais não na direcção do território ocidental da URSS, como estava escrito no plano, mas na direcção Sudoeste, com o objectivo de, antes de mais, ocupar as regiões industriais, agrícolas e em recursos naturais mais ricas da União Soviética. Aparentemente, o Comissário do Povo da Defesa, recentemente regressado da direcção Sudoeste, também partilhava esse ponto de vista. Em todo o caso, nem ele, nem o Estado-Maior General levantaram objecções a esta conclusão de Stáline.

Foi ordenado ao Estado-Maior General que corrigisse o plano, o que implicou a concentração do grupo principal de forças não na direcção Ocidental, como estava anteriormente previsto, mas na direcção Sudoeste.

Como mostraram os acontecimentos da Grande Guerra Patriótica, tal prognóstico revelou-se erróneo. Hitler desferiu o golpe principal na direcção Ocidental e o comando soviético teve de corrigir o erro de cálculo e concentrar as forças principais na direcção Ocidental, Smolensk-Moscovo. Isto provocou uma certa confusão, uma vez que algumas tropas já tinham sido deslocadas para outros locais, e a perda de precioso tempo.

Não é supérfluo lembrar que pouco antes do início da guerra, sob o mais rigoroso segredo, começaram a ser deslocadas tropas suplementares para as regiões fronteiriças. Do interior do país para Ocidente foram transferidos cinco exércitos: o 22.º sob o comando de F.A. Erchakov, o 20.º sob o comando de F.N. Rémezov, o 21.º sob o comando de V.F. Guerassimenko, o 19.º sob o comando de N.S. Kóniev, e o 16.º exército, sob o comando de M. F. Lukine. Ao todo foram transferidas 28 divisões. Da região militar de Moscovo foi expedido para Vinitsa um grupo operacional para apoiar o comando da Frente Sul. O Comissariado do Povo da Marinha de Guerra tomou as disposições necessárias para reforçar os serviços de informações e de segurança nas frotas, tendo ainda transferido parte das forças da Frota do Báltico de Libava e de Talin para locais mais seguros. E na própria véspera da guerra as frotas do Báltico, do Norte e do Mar Negro foram colocadas em estado de prontidão máximo.

Como se pode esquecer tudo isto? Como se pode deixar de levar em conta todo o enorme trabalho que foi realizado pelo partido e pelo governo na véspera da guerra, com vista a preparar o país e o exército para resistir ao inimigo? Questão diferente é o facto de, por falta de tempo, não termos conseguido resolver completamente todos os problemas que se colocavam, por exemplo, a formação de corpos mecanizados e de novos regimentos de aviação, a instalação de mais fortificações em novas regiões fronteiriças, e outros. Como já foi dito, o país não teve possibilidades de concluir, até Junho de 1941, o equipamento das tropas com novos armamentos e maquinaria, razão pela qual nem todas as divisões soviéticas estavam totalmente equipadas e muitas tinham falta de armamento, de veículos militares de transportes, meios de comunicação, e as capacidades dos velhos armamentos e maquinaria militar não estavam à altura das exigências da guerra.

Deve-se ter em conta também a circunstância de que o inimigo há muito que tinha convertido a sua economia para fins militares, utilizando a capacidade industrial-militar de praticamente toda a Europa Ocidental, o que lhe dava grande supremacia em relação à União Soviética. O seu exército estava totalmente mobilizado e preparado para as operações. O peso específico dos novos armamentos e da nova técnica, bem como o nível de motorização das forças da *Wehrmacht* era por isso muito mais elevado do que o nosso.

Por fim, é preciso dizer, que a Alemanha fascista conseguiu tirar proveito do factor surpresa. O agressor atacou a URSS batendo todos os recordes de perfídia. A situação ainda se complicou mais por, no devido tempo, não ter sido dada ordem de prontidão total para combate a todas as forças armadas. Por isso, as tropas (com excepção da marinha e das unidades da região militar de Odessa) não conseguiram

ocupar as posições de defesa previstas no plano, mudar de aeródromos, colocar os aviões no ar e tomar outras iniciativas necessárias naquela situação.

Não se pode esquecer também os erros na previsão da ordem das acções e das forças envolvidas nos primeiros ataques do inimigo. O alto comando soviético presunha que o inimigo não iria lançar logo todas as suas forças em toda a frente sovieto-germânica e que isso permitiria reter o inimigo, utilizando as chamadas tropas de cobertura. Mas a guerra não se desenrolou assim. Os invasores hitlerianos lançaram-se para a frente com grupos de tropas em toda a extensão da fronteira ocidental do nosso Estado. Repelir tal ataque com as forças estacionadas na zona fronteira, ademais não inteiramente preparadas para entrar imediatamente em acção, foi-nos impossível.

Os erros de cálculo e as negligências cometidas na preparação das tropas para rechaçarem o primeiro golpe dos invasores fascistas alemães complicaram, inquestionavelmente, a nossa situação no momento em que tivemos de entrar em combate com a colossal máquina de guerra da Alemanha hitleriana, apoiada nos recursos económicos e militares de muitos países da Europa. Mas apesar de tudo, o exército fascista começou logo a sofrer enormes perdas, e ao fim de seis meses os seus corpos e divisões de elite foram desbaratados perto de Moscovo. Começou aqui a viragem radical no curso da guerra.

Estas são lições da história que devemos ter sempre presentes.